

Da fraternidade à comunhão: o ecumenismo do papa Francisco

From fraternity to communion: the ecumenism of pope Francis

Gabriele Cipriani¹

Resumo

Junto com um papado em crise, papa Francisco recebe a rica herança ecumênica também com o desafio de superar as incertezas da caminhada do povo cristão rumo a unidade ou a uma diversidade reconciliada. A Igreja católica, sem descuidar dos demais princípios católicos do ecumenismo, privilegiou o caminho dos diálogos teológicos, bilaterais e multilaterais, cobrindo praticamente todas as áreas que se declararam disponíveis para diálogos construtivos. Mas a teologia ecumênica produzida, os consensos alcançados, as declarações conjuntas não encontraram a recepção esperada no ensino das diversas tradições cristãs e não se tornaram a força motriz do ecumenismo que há pelo menos duas décadas perdeu o encanto do Concílio Ecumênico Vaticano II. Na volta ao Evangelho, no tema teológico existencial da fraternidade cristã e humana, Francisco encontra a alavanca para unir doutrina e práxis e impulsionar a renovação da vida eclesial no encontro aberto e acolhedor não somente dos cristãos de tradições diversas, mas de toda a humanidade. O ecumenismo da caridade, da fraternidade vivida e da amizade ocupa o primeiro lugar no caminho do povo cristão convocado a construir cotidianamente a comunhão no Espírito sem exclusões.

Palavras-chave

Ecumenismo. Doutrina. Evangelho. Fraternidade. Comunhão.

Abstract

As well as inheriting a papacy in crisis, pope Francis received a rich ecumenical legacy which included the challenge of overcoming the uncertainties on the Christian people's path to unity or a diversified reconciliation. The Catholic Church, without neglecting the other Catholic principles of ecumenism, prioritised bilateral and multilateral theological dialogues, including practically all areas of declared constructive engagement. But the resulting ecumenical theology, the consensus reached and the joint declarations did not meet the expected reception in the teaching of the diverse Christian traditions and did not become a driving force for ecumenism. For at least two decades, the enchantment of the Vatican's Ecumenical Council was lost. Returning to the gospel and the existential, theological theme of Christian and human fraternity, Francis finds the key which unites doctrine and practice. Thus, he gives impetus to the renewal of ecclesial life in an open and welcoming encounter, not only of diverse Christian traditions, but of the whole of humanity. The ecumenism of charity, lived fraternity and friendship occupies first place in the life of the Christian people who are called on a daily basis to construct communion in the Spirit without exclusions.

Keywords

Ecumenism. Doctrine. Gospel. Fraternity. Communion.

¹ Doutor em Filosofia e Letras pela Universidade dos Estudos de Nápoles. Bacharel em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Secretário executivo do Movimento de Educação de Base (MEB). Contato: gabriele@meb.org.br.

1 ECUMENISMO, *QUO VADIS?*

Papa Francisco recebe a rica herança ecumênica, fruto do acúmulo de encontros fraternos e diálogos teológicos das últimas décadas, com um desafio formidável resumido na pergunta colocada pelo cardeal Walter Kasper num balanço traçado por ocasião do quadragésimo ano do decreto *Unitatis redintegratio*: “Ecumenismo, *quo vadis?*”

Durante o meio século que nos separa do Concílio Vaticano II, a situação ecumênica tem mudado profundamente e os atores principais do movimento ecumênico encontram dificuldade em reavivar o entusiasmo e as visões iniciais. A encíclica *Ut unum sint* marcou as conquistas: a fraternidade reencontrada, a solidariedade no serviço à humanidade, a convergência na Palavra de Deus e no culto divino, o apreço dos bens presentes entre os cristãos das diversas comunidades, o aumento da comunhão, os contatos e os progressos nos diálogos.² Bento XVI olhando sobre os vários aspectos do percurso ecumênico na vida do povo cristão destacou que a

experiência destes últimos decênios, depois do Concílio Vaticano II, prova que a busca da unidade dos cristãos acontece a vários níveis e em inúmeras circunstâncias: nas paróquias, nos hospitais, nos contatos entre as pessoas, na colaboração entre as comunidades locais em todos os lugares do mundo, e particularmente nas regiões onde fazer um gesto de boa vontade em favor do irmão exige um grande esforço e também uma purificação da memória.³

Mas as celebrações dos 50 anos de *Unitatis redintegratio* voltam a apresentar a mesma pergunta: “Ecumenismo, *quo vadis?*”? A terceira Assembleia Ecumênica Europeia (EEA3) realizada em Sibiu, na Romênia, sobre o tema *A luz de Cristo ilumina a todos. Uma esperança para a renovação e a unidade na Europa*, não incidiu eficazmente sobre a atual realidade eclesial e humana daquele continente. Estuda-se novamente o decreto conciliar para conferir mais uma vez a mensagem e a finalidade do documento, os efeitos por ele produzidos durante estes 50 anos e a que ponto estamos hoje. Tentando olhar para o futuro, ressoa ainda forte a pergunta de João Paulo II em *Ut unum sint*: “*Quanta est nobis via?*”⁴

O cardeal Kasper ao analisar os novos desafios do ecumenismo destaca, por um lado, um relativismo e pluralismo qualitativo pós-moderno, que não coloca mais a questão da verdade, por outro, um fundamentalismo agressivo cultivado e exercido pelas seitas antigas e novas, e enfim um liberalismo doutrinal presente em certas áreas eclesiais. Reconhece que existem problemas e desilusões, mas nega que se deva afirmar que o ecumenismo passe por um período de glaciação.⁵ Dessa glaciação do ecumenismo, porém, mostraram-se convictas pessoas apaixonadamente comprometidas com a causa da unidade dos cristãos e com o movimento

² (UUS 41-76).

³ BENTO XVI. Audiência geral. Quarta-feira, 24 de janeiro de 2007. Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos (2). **A Santa Sé.** Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2007/documents/hf_ben-xvi_aud_20070124.html>. Acesso em: 20 jun. 2018.

⁴ (UUS 77-99).

⁵ (UUS 77-99).

ecumênico, o metropolitano russo Kyrill, o teólogo ortodoxo Olivier Clément e o teólogo católico Jean-Marie Tillard. Fala-se ainda muito de “inverno ecumênico” ou de ecumenismo “em estado de agonia”, como expressou-se o estudioso ortodoxo Vladimir Zelinskij. Que ecumenismo, portanto, é esse que registra avanços, exorta a continuar na busca ativa da unidade cristã, valoriza o caminho feito até aqui e espera em renovado entusiasmo, mas também confessa expectativas frustradas e amargas desilusões?

2 A FORÇA MOTRIZ DOS DIÁLOGOS TEOLÓGICOS

Depois do concílio, a Igreja católica se inseriu decididamente nos diversos rios do movimento ecumênico contribuindo também ativamente com as iniciativas e mediações do Conselho Mundial de Igrejas. A Igreja católica, sem descuidar dos demais princípios católicos do ecumenismo, privilegiou o caminho dos diálogos teológicos, bilaterais e multilaterais, cobrindo praticamente todas as áreas que se declararam disponíveis para diálogos construtivos em vista de consensos teológicos diferenciados e o reconhecimento de uma diversidade reconciliada.⁶ As temáticas tratadas, com grande sensibilidade e competência, rodam ao redor dos temas eclesiológicos marcados pelas polêmicas entre as diversas tradições cristãs desde as separações, a milenária separação com o oriente cristão e a divisão secular do cristianismo europeu. Não recebeu atenção o peso que assumiriam os novos movimentos religiosos no cristianismo. Centrados nas tradições do cristianismo ortodoxo e europeu, foram elaborados textos de consenso teológico e publicadas declarações conjuntas e acordos entre os responsáveis das igrejas⁷. Precisou, obviamente, fazer ajustes à tradição doutrinal para conciliar conceitos e vocábulos. Observem-se as oscilações entre unidade e *koinonia*, unidade na diversidade e diversidade reconciliada, consenso e consenso diferenciado etc. Reclamou-se especialmente da dificuldade encontrada na recepção dessa teologia ecumênica no âmbito das igrejas, o que tornou praticamente vão o grande e apaixonado trabalho dos teólogos, relegado em grande parte às prateleiras das bibliotecas. Os institutos de teologia das igrejas continuaram transmitindo sua própria tradição teológica, permitindo a sobrevivência de correntes teológicas compatíveis com a teologia oficial e marginalizando outras. O fraco impulso dado ao ecumenismo espiritual e o

⁶ São conhecidos os numerosos diálogos da Igreja católica com outras igrejas e comunidades eclesiais, federações de igrejas, conselhos, conferências etc. Elencamos As igrejas ortodoxas de tradição bizantina, orientais, assíria do oriente; as igrejas e comunidades eclesiais do ocidente, Federação Luterana Mundial, Conselho Metodista Mundial, Aliança Mundial das Igrejas Reformadas, Aliança Batista Mundial, Discípulos de Cristo, pentecostais, evangélicos, Conselho Mundial de Igrejas, Conferência Metodista Mundial.

⁷ Deve ser lembrada, especialmente no aniversário de Reforma luterana, *A Declaração conjunta sobre a doutrina da justificação* da Federação Luterana Mundial e da Igreja católica, documento assinado em 31 de outubro de 1999, na cidade de Augsburgo, estabelecendo que as confissões católica e luterana professam a mesma doutrina sobre a justificação pela fé, embora com diferentes desdobramentos. Assinaram o bispo luterano Christian Krause e, pela Santa Sé, o cardeal Edward I. Cassidy. Mas vale lembrar, outras declarações conjuntas, como a declaração conjunta do papa Francisco e do patriarca Kirill de Moscou e de toda a Rússia, em Cuba, em 12 de fevereiro de 2016; e a declaração conjunta do papa Francisco com o patriarca ecumênico Bartolomeu I e o arcebispo Hieronymus de Atenas e de toda a Grécia, na Ilha grega de Lesbos, de 16 de abril de 2016.

débil envolvimento das bases das igrejas no compromisso ecumênico levaram à perda de ímpeto do movimento.

Por parte da Igreja católica, a partir das orientações ecumênicas do Concílio Vaticano II, o então Secretariado para a Unidade dos Cristãos emanou normas e critérios para a atuação ecumênica dos cristãos católicos. O principal documento é o *Diretório para a aplicação dos princípios e normas sobre o ecumenismo*, publicado em etapas: em 1967, tratando das comissões ecumênicas diocesanas e nacionais, o mútuo reconhecimento do batismo, e a comunhão nas coisas espirituais; em 1970, apresentando os princípios e a prática ecumênica na formação em colégios, universidades e seminários; e em 1993, atualizando as mudanças ocorridas no Código de Direito Canônico (1983). O Conselho Mundial de Igrejas também tem se empenhado a oferecer orientações teológicas e espirituais. Mas a recepção desses subsídios e documentos, bem sucedida em pequenas porções de comunidades evangélicas e ortodoxas e em algumas dioceses anglicanas e católicas, foi ignorado pela maioria. A realização anual da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos para a promoção da oração em comum tem facilitado relações, encontros e iniciativas de celebrações ecumênicas em várias circunstâncias, mas não tem conseguido alcançar o objetivo de criar um movimento de espiritualidade ecumênica no meio do povo cristão. A dificuldade da recepção dos consensos teológicos é um fato crucial. A cultura das comunidades cristãs e das instituições eclesiais constitui um obstáculo que não pode ser superado somente com a reflexão teológica. Ao longo dos séculos nas igrejas cristãs criaram-se mentalidades e culturas distintas. Posicionamentos das hierarquias, ensino das faculdades de teologia, catecismos, práticas litúrgicas e devocionais, fortaleceram crenças e costumes, alimentaram mentalidades e atitudes. A evolução cultural acontece ao longo do tempo pela acumulação e transmissão de conhecimentos, costumes, leis, linguagens, organização social, valores e práticas religiosas. A multiplicidade dos elementos, que evoluem assimetricamente nos diferentes contextos, solicita e freia as mudanças culturais. O ecumenismo pretende enfrentar esse fenômeno complexo das culturas eclesiais nascidas em contextos traumáticos e sedimentadas nas comunidades cristãs ao longo dos séculos, cuja evolução poderá ser convergente, mas nunca será uniforme. Ficam, portanto, as perguntas: “*Ecumenismo, quo vadis?*” e “*Quanta est nobis via?*” Recebeu o papa Francisco o desafio de retomar o caminho a partir de outra perspectiva teológica e cultural que, conservando os ganhos dos últimos decênios, dê novo impulso à busca da unidade dos cristãos.

3 A ‘ALAVANCA’ DO PAPA FRANCISCO

Herdeiro de um papado em crise e sucessor de um papa teólogo, como alguns costumavam apelidar o papa Bento XVI, papa Francisco encontrou-se diante da necessidade de assumir uma reforma da Igreja *in capite* e de conclamar o povo cristão para a volta ao Evangelho acolhido, vivido e proclamado num contexto muito diferente daquele do Concílio Vaticano II. Fenômenos como a globalização das comunicações, das relações comerciais e da

cultura do descartável, das economias e dos novos ajustes geopolíticos, das migrações massivas dos povos, da emergência do encontro das religiões e das culturas, levaram a afirmar que a humanidade está no início de uma nova época. *Evangelii gaudium*, a volta ao Evangelho, e a incessante catequese de papa Francisco conclamam para ir além das areias da doutrina em que corriam o risco de parar a Igreja católica e o barco ecumênico. Papa Francisco observa na *Laudato si'* que “as reflexões teológicas ou filosóficas sobre a situação da humanidade e do mundo podem soar como uma mensagem repetida e vazia, se não forem apresentadas novamente a partir dum confronto com o contexto atual no que este tem de inédito para a história da humanidade.” (LS 17). Em *Amoris laetitia*, comparando a doutrina e o Evangelho o papa afirma: “A Palavra de Deus não se apresenta como uma sequência de teses abstratas, mas como uma companheira de viagem” (AL 22). Lembra também a necessidade de uma unidade de doutrina e práxis, mas isto não impede que existam maneiras diferentes de interpretar alguns aspectos da doutrina ou algumas consequências que decorrem dela e exorta pastores e teólogos a uma reflexão “fiel à Igreja, honesta, realista e criativa”. “O objetivo não é recolher informações ou satisfazer a nossa curiosidade, mas tomar dolorosa consciência, ousar transformar em sofrimento pessoal aquilo que acontece ao mundo e, assim, reconhecer a contribuição que cada um lhe pode dar.” (LS 19).

Na volta ao Evangelho, Francisco encontra no tema teológico existencial da fraternidade cristã e humana, a chave para unir doutrina e práxis, a alavanca para a renovação da Igreja e a realização da sua missão em diálogo com a humanidade, e conjuntamente o restabelecimento da unidade dos cristãos. O ecumenismo da caridade, da fraternidade e da amizade ocupa o primeiro lugar. “Encontrar-nos, olhar o rosto um do outro, trocar o abraço de paz, rezar um pelo outro são dimensões essenciais do caminho para o restabelecimento da plena comunhão para a qual tendemos. Tudo isto precede e acompanha constantemente a outra dimensão essencial do referido caminho que é o diálogo teológico. Um autêntico diálogo é sempre um encontro entre pessoas com um nome, um rosto, uma história, e não apenas um confronto de ideias.”⁸ Nesta cultura do encontro baseada no reconhecimento da fraternidade, expressa na amabilidade, no perdão, na afeição, não somente é restabelecida a unidade, mas se acha também a verdade. “De fato a verdade é um encontro, um encontro entre pessoas. A verdade não se faz em laboratório, ela se faz na vida na busca de Jesus para encontrá-lo.”⁹ O cardeal Kurt Kock afirma que “é convencimento de papa Francisco que estas dimensões do compromisso ecumênico devem preceder e acompanhar constantemente a outra dimensão essencial do percurso ecumênico,

⁸ VIAGEM apostólica do papa Francisco à Turquia (28 - 30 de novembro de 2014). Divina liturgia. Palavras do Santo Padre. Igreja Patriarcal de São Jorge, Istambul. Domingo, 30 de novembro de 2014. **A Santa Sé**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2014/documents/papa-francesco_20141130_divina-liturgia-turchia.html>. Acesso em: 20 jun. 2018.

⁹ VISITA privada do Santo Padre a Caserta para o encontro com o pastor evangélico Giovanni Traettino. Discurso do papa Francisco. Igreja Pentecostal da Reconciliação. Caserta – segunda-feira, 28 de julho de 2014. **A Santa Sé**. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/july/documents/papa-francesco_20140728_caserta-pastore-traettino.html>. Acesso em: 20 jun. 2018.

definido como ecumenismo da verdade. E isso porque o diálogo teológico se situa somente em segundo plano no compromisso ecumênico.”¹⁰ O acolhimento da revelação acontece através da fé e diz respeito à vivência cristã de cada um na Igreja. Mas os aspectos doutrinários relegaram muitas vezes ao segundo plano a dimensão experiencial da fé. Muitos tiveram a percepção que ecumenismo fosse questão de experts e teólogos empenhados e superar antigas disputas entre os cristãos. A atenção de papa Francisco se volta decididamente para a ordem existencial, onde a vivência da fraternidade é assumida como princípio teológico fundamental e amplia o horizonte na busca de uma comunhão onde não existe mais divisão alguma de raça, de língua, de cultura, de religião. A fraternidade não é somente aquela natural e de sangue. Reflexão e práxis devem superar os equívocos e contradições que o conceito de fraternidade expressou historicamente, como a fraternidade nacional ou de raça ou a fraternidade denominacional, concebida como a pertença a uma parte da sociedade ou a uma parte do povo cristão. Aquela fraternidade que é manifestada nas expressões, o meu país, a minha comunidade, o meu grupo, a minha igreja como a minha família. Essa fraternidade particularista, que educou a combater e eliminar a outra parte, já dividiu a Igreja apostólica “‘Eu sou de Paulo’, ou ‘Eu sou de Apolo’, ou ‘Eu sou de Cefas’, ou ‘Eu sou de Cristo’” (1Cor 1,12). Esse conceito de fraternidade partidária persiste nas tradições cristãs. Francisco, superando essa concepção e seus equívocos e contradições, resgata a fundamentação religiosa da fraternidade e amplia a visão à universalidade da fraternidade, lembrando a todos que a raiz da fraternidade está contida na paternidade de Deus” (cf. Mt 23,8-9).¹¹

“Em particular, a fraternidade humana foi regenerada *em e por* Jesus Cristo, com a sua morte e ressurreição. A cruz é o “lugar” definitivo de *fundação* da fraternidade que os homens, por si sós, não são capazes de gerar. Jesus Cristo, que assumiu a natureza humana para a redimir, amando o Pai até à morte e morte de cruz (cf. *Fl* 2, 8), por meio da sua ressurreição constitui-nos como *humanidade nova*, em plena comunhão com a vontade de Deus, com o seu projeto, que inclui a realização plena da vocação à fraternidade.”¹²

A fraternidade deve, portanto, ser colocada a fundamento do pensamento cristão como ato de fé que redime a vida e a história e deve entrar com força nas relações humanas em todos os níveis e aspectos, motivando o intercâmbio entre as pessoas, além das vantagens pessoais ou eclesiais ou nacionais e das vantagens mútuas. Essa visão totalizante permite inserir a busca da *koinonia* cristã naquele movimento vital que envolve a vida das pessoas, das comunidades e de

¹⁰ KOCK, Kurt. La visione ecumenica di papa Francesco. Cammino a quattro dimensioni. **L'Osservatore Romano**, 16 jan. 2016. Disponível em: <<http://ilsismografo.blogspot.com/2016/01/vaticano-la-visione-ecumenica-di-papa.html>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

¹¹ MENSAGEM do Santo Padre Francisco para a celebração do XLVII Dia Mundial da Paz, 1º de janeiro de 2014. Fraternidade, fundamento e caminho para a paz. **A Santa Sé**. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20131208_messaggio-xlvii-giornata-mondiale-pace-2014.html>. Acesso em: 20 jun. 2018.

¹² MENSAGEM do Santo Padre Francisco para a celebração do XLVII Dia Mundial da Paz, 1º de janeiro de 2014. Fraternidade, fundamento e caminho para a paz. **A Santa Sé**. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20131208_messaggio-xlvii-giornata-mondiale-pace-2014.html>. Acesso em: 20 jun. 2018.

toda a humanidade no respeito e cuidado da criação. Envolve também as economias, as culturas e as religiões. “Tudo está relacionado, e todos nós, seres humanos, caminhamos juntos como irmãos e irmãs numa peregrinação maravilhosa.” (LS 92).

4 A PLAUSIBILIDADE DA FRATERNIDADE PARA A COMUNHÃO CRISTÃ

A unidade dos cristãos “não será fruto de discussões teóricas sutis nas quais cada qual tentará convencer o outro da boa fundamentação de suas próprias opiniões. O Filho do Homem virá e nos encontrará ainda falando.”¹³ Cabe reconhecer na fraternidade humana o núcleo do Evangelho:

O que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também tenhais comunhão conosco; e a nossa comunhão é com o Pai, e com seu Filho Jesus Cristo. Amados, não lhes escrevo um mandamento novo, mas um mandamento antigo, que vocês tem desde o princípio: a mensagem que ouviram. No entanto, o que lhes escrevo é um mandamento novo... quem afirma estar na luz mas odeia seu irmão, continua nas trevas. Quem ama seu irmão permanece na luz [...]. (1Jo 1,3.7-11).

Falar simplesmente em vivência da fraternidade pode aparecer fugir dos problemas, assim como foi considerado ingênuo o entusiasmo que caracterizou os primeiros passos do ecumenismo. A visão da fraternidade universal não nega o caminhar ecumênico, mas amplia os horizontes e renova as motivações envolvendo crentes e não crentes. “Quando o coração está verdadeiramente aberto a uma comunhão universal, nada e ninguém fica excluído desta fraternidade.” (LS 92). O livro dos *Atos dos Apóstolos* oscila entre a imagem de uma comunidade cristã dos começos, fraterna e missionária, que na fé do Senhor Ressuscitado é levada pelo Espírito para a missão, e ao mesmo tempo é lacerada pelo conflito entre cristãos hebreus e helenistas. A opção do projeto literário dos *Atos* é marcar a vitória da lógica da integração, mostrando os resultados da boa gestão dos conflitos para superar a lógica das tentativas de marginalização. No entanto, a questão da unidade, que Paulo enriquece de detalhes, percorre o livro dos *Atos* até o fim, também depois do ‘Concílio de Jerusalém’, quando chega ao paroxismo a perseguição contra o apóstolo Paulo (*Atos* 21). Os *Atos dos Apóstolos* descrevem o ponto alto de um processo de conflitos denunciado num fato: “Chegaram então alguns homens da Judeia, que ensinavam aos irmãos de Antioquia”, e uma sentença duríssima: ‘Se não fordes circuncidados, como ordena a Lei de Moises, não podereis ser salvos.’” (*At* 15,1). Um problema enorme que atingia os pagãos batizados, maior das questões teológicas que hoje dividem as igrejas. Diante desta grave questão doutrinária, comenta o cardeal Christoph Schönborn: “Eles (os apóstolos) não discutiram o problema, não se

¹³ CELEBRAÇÃO das vésperas na solenidade da conversão de São Paulo Apóstolo. Homilia do papa Francisco. Basílica de São Paulo Extramuros. Domingo, 25 de janeiro de 2015. **A Santa Sé.** Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150125_vespri-conversione-san-paolo.html>. Acesso em: 20 jun. 2018.

concentraram sobre as criticidades. Ouviram a experiência de uns e dos outros.”¹⁴ Os apóstolos, talvez lembrando a resposta de Jesus à samaritana no poço de Jacó – que os verdadeiros adoradores não de adorar o Pai em espírito e verdade, e são esses adoradores que o Pai deseja (Jo 4,20-23) –, avaliaram a experiência da fé dos cristãos vindos do paganismo, com culturas e tradições diversas das dos judeus, e não emitiram excomunhões, mas acolheram pessoas, preocupando-se com elas, com a sua salvação, salvaguardando ao mesmo tempo a unidade da Igreja.

No livro dos Atos encontramos um padrão permanente para a igreja que deve ser profundamente refletido e que Francisco oportunamente resgata. “A comunidade cristã [comenta Francisco,] é a casa daqueles que acreditam em Jesus como a fonte da fraternidade entre todos os homens. [...] Todos devemos ser conscientes de que a fé cristã se joga no campo aberto da vida compartilhada com todos.”¹⁵ *Unitatis redintegratio*, nas suas passagens teológicas mais fortes, assume o discurso da fraternidade de toda a família de Cristo, descarta os termos polêmicos, minimiza as diferenças, busca enfatizar o que aproxima, apresenta os eixos norteadores da prática ecumênica, abandona “a visão limitada da Igreja da Contrarreforma e pós-tridentina, e promove não tanto um “modernismo”, como um regresso à tradição bíblica, patrística e alto-medieval, que permitiu uma nova e mais límpida compreensão da natureza da Igreja.”¹⁶ Não se pode examinar *Unitatis redintegratio* fora do contexto em que foi redigido e aprovado. Mas cabe retomar o discurso relativo à assunção da fraternidade como fundamento da unidade. Cientes da base eclesiológica dos textos do Concílio Vaticano II e da sua importância teológica, ousamos lembrar que *Unitatis redintegratio* fala da unidade dos cristãos e não da unidade das igrejas, apesar do frequente referir-se às igrejas e comunidades eclesiais de que os crentes são membros em Cristo, pois nossa fé cristã, constitutivamente teologal, não pode prescindir da Igreja em sua modalidade. Mas a configuração institucional das igrejas, a saber, sua regulamentação jurídica, bem como suas estruturas sociais, estão a serviço da *koinonia* cristã. Sem oferecer estruturas de comunhão torna-se vazio o convite à unidade. É difícil atribuir fraternidade às instituições assim como é impérvio o percurso de conversão das igrejas que devem proporcionar aos cristãos as condições para a vivência da fé cristã. A conversão é um processo pessoal e comunitário de libertação de mentalidade e comportamentos ensinados em cada tradição cristã e religiosa. O caminho da fraternidade liberta do peso das tradições, de

¹⁴ SCHÖNBORN, Christoph. Non discutere i problemi, ma raccontare ciò che Dio fa. Disponível em: <http://www.arcisatebrenno.it/images/testo_incontro_Schonborn_.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2018.

¹⁵ FRANCISCO. Audiência geral. Praça São Pedro. Quarta-feira, 9 de setembro de 2015. **A Santa Sé.** Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2015/documents/papa-francesco_20150909_udienza-generale.html>. Acesso em: 20 jun. 2018.

¹⁶ CONFERÊNCIA do 40º aniversário da promulgação do decreto conciliar “Unitatis redintegratio”, (Rocca di Papa, 11-13 de novembro de 2004). Intervenção do cardeal Walter Kasper, Presidente do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos. Quinta-feira, 11 de novembro de 2004. **A Santa Sé.** Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/chrstuni/card-kasper-docs/rc_pc_chrstuni_doc_20041111_kasper-ecumenism_po.html>. Acesso em: 20 jun. 2018.

coisas aprendidas desde a infância, de atitudes que modelaram as relações.¹⁷ *Unitatis redintegratio* confessa que os cristãos que pertencem a igrejas e comunidades não em plena comunhão com a Igreja católica, “justificados no batismo pela fé, são incorporados a Cristo, e, por isso, com direito se honram com o nome de cristãos e justamente são reconhecidos pelos filhos da Igreja católica como irmãos no Senhor.” (UR 2). A estes, continua:

Suspenso na cruz e glorificado, o Senhor Jesus derramou o Espírito prometido. Por Ele chamou e congregou na unidade da fé, esperança e caridade o Povo da nova Aliança, que é a Igreja, como atesta o Apóstolo: “Só há um corpo e um espírito, como também fostes chamados numa só esperança da vossa vocação. Só há um Senhor, uma fé, um Batismo” (Ef. 4, 45). Com efeito, “todos quantos fostes batizados em Cristo, vos revestistes de Cristo... Pois todos sois um em Cristo Jesus” (Gál. 3, 27-28). O Espírito Santo habita nos crentes, enche e rege toda a Igreja, realiza aquela maravilhosa comunhão dos fiéis e une a todos tão intimamente em Cristo, que é princípio da unidade da Igreja. Ele faz a distribuição das graças e dos ofícios, enriquecendo a Igreja de Jesus Cristo com múltiplos dons, “a fim de aperfeiçoar os santos para a obra do ministério, na edificação do corpo de Cristo” (Ef. 4,12). (UR 2).

Ao reconhecimento da fraternidade em Cristo segue o encontro, a acolhida, o abraço, ou seja, a fraternidade que se torna comunhão a que papa Francisco se refere com frequência: “Aqueles que agora nascem em tais comunidades e são instruídos na fé de Cristo, não podem ser acusados do pecado da separação, e a Igreja católica os abraça com fraterna reverência e amor.” (UR 3). Este abraço de “reverência e amor” é o início da comunhão e não somente a meta.

5 RUMO À COMUNHÃO UNIVERSAL

A visão de *Laudato si'* é a esperança viva da comunhão universal que sai do coração de papa Francisco, mas que ele acredita estar presente e viva em toda a humanidade, assim como é um anélito difuso em toda a criação, “com a esperança de ser também ela libertada do cativeiro da corrupção.” (Rm 8,21-23). Na perspectiva de Teilhard de Chardin, o papa afirma: “A meta do caminho do universo situa-se na plenitude de Deus, que já foi alcançada por Cristo ressuscitado, fulcro da maturação universal.” (LS 83). Essa visão parece implodir o ecumenismo com os paradigmas que o sustentaram até hoje. Mas sem negar nada do que foi feito de importante pela unidade dos cristãos, uma motivação maior que envolve todas as forças vitais que tendem a construir uma comunhão universal pode dar novo vigor à caminhada já percorrida. A peregrinação da humanidade exige uma vivência da fé, uma espiritualidade da fraternidade que

¹⁷ Quanto à temática da conversão das igrejas é exaustiva a obra de Jorge Alejandro Scampini, OP, *La conversión de las Iglesias, una necesidad y una urgência de la fe: la experiencia del Groupe des Dombes como desarrollo de un metodo ecumenico eclesial (1937-1997)* (Cahiers Oecuménique 42, Éditions universitaires Fribourg, 2003).

implica tecer um relacionamento fraterno, caracterizado pela reciprocidade, o perdão, o dom total de si mesmo, segundo a grandeza e a profundidade do amor de Deus, oferecido à humanidade por Aquele que, crucificado e ressuscitado, atrai todos a Si: «Dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros; que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei. Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros» (Jo 13, 34-35). Esta é a boa nova que requer, de cada um, um passo a mais, um exercício perene de empatia, de escuta do sofrimento e da esperança do outro, mesmo do que está mais distante de mim, encaminhando-se pela estrada exigente daquele amor que sabe doar-se e gastar-se gratuitamente pelo bem de cada irmão e irmã. (LS 83).

Essa busca da comunhão a partir do reconhecimento da fraternidade que inspiram as linhas de pensamento e de ação e de sensibilidade e cuidado pela criação na encíclica *Laudato si'*, exige programas e atitudes tanto no ecumenismo, quanto no diálogo inter-religioso e intercultural e também nas relações com a natureza. As motivações e as finalidades possuem a primazia sobre as leis e as doutrinas. Elas tendem à formação das consciências que movem para a ação e criam mentalidades novas e disponibilidade ao encontro fraterno. Estamos perante um desafio educativo. Há necessidade de significações e valores ao nível de pensamento universalmente humano e especificamente cristão, para dar novo impulso ao ecumenismo e arrancá-lo do âmbito restrito às questões teológicas cultivadas por séculos e muito circunstanciais. A teologia continua tendo um papel importante não apenas para esclarecer as histórias dos pensamentos das tradições cristãs ou de outras religiões, mas particularmente para refletir sobre a práxis cristã e oferecer referenciais teológicos que sustentem a peregrinação do povo cristão e da humanidade. A conversão do coração, de que fala *Unitatis redintegratio*, convoca para uma disponibilidade e um compromisso com a comunhão fraterna que começa com uma revisão na raiz dos paradigmas de juízo teórico e prático e dos modelos de relacionamento com as pessoas e a criação toda, sem a qual o consenso teológico pouco vai influenciar a caminhada do povo cristão rumo à plena comunhão. A fraternidade não é partidária nem sequer no caso das comunidades cristãs. O ecumenismo espiritual, a busca ativa da comunhão fraterna, os vínculos do amor e da paz, a unidade do Espírito, que somente pode existir entre as pessoas que religiosamente se encontram diante de Deus, dá um impulso renovado para o diálogo em todos os aspectos da vida humana. Repercutiu fortemente o convencimento profundo de papa Francisco: “A maior parte dos habitantes do planeta se declara crente. Isto deveria provocar um diálogo entre as religiões. Muitos pensam diferente, sentem diferente, buscam Deus e encontram a Deus de maneira diferente. Nesta multidão, neste leque de religiões, há uma só certeza: todos somos filhos de Deus. Que o diálogo sincero entre homens e mulheres de diversas religiões gere frutos de paz e de justiça.”¹⁸ E o horizonte se amplia à visão das culturas e de uma interação entre todos os componentes da natureza, viventes e não, entre a

¹⁸ AGÊNCIA EFE. Em vídeo, papa Francisco defende diálogo e paz entre religiões. **g1**, 6 jan. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/01/em-video-papa-francisco-defende-dialogo-e-paz-entre-religoes.html>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

Revista Brasileira de Diálogo Ecumênico e Inter-religioso

natureza e a sociedade que a habita, os ecossistemas e os diversos mundos de referência social, entre as comunidades no espaço e as gerações no tempo. A interdependência da criação nos transmite a consciência de um só mundo e do valor próprio de cada criatura, da tutela que esse valor comporta. A fraternidade é o princípio regulador, é o princípio que permite aos iguais ser pessoas diferentes. A fraternidade é a alavanca da comunhão. O encontro de irmãos e o diálogo, que se tornou imperativo no ecumenismo, é diálogo com todas as pessoas e sociedades, sem hegemonias de partes, para buscar todos juntos caminhos de libertação. ✨

REFERÊNCIAS

CODA, Piero. **La Chiesa è il Vangelo**. Alle sorgenti della Teologia di papa Francesco. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2017. Disponível em: <[https://www.librieditorsanto.it/libri_di/editore/Libreria Editrice Vaticana/La Teologia di papa Francesco/page1.html](https://www.librieditorsanto.it/libri_di/editore/Libreria_Editrice_Vaticana/La_Teologia_di_papa_Francesco/page1.html)>. Acesso em: 20 jun. 2018.

KASPER, Walter. **Papa Francisco - a revolução da misericórdia e do amor**. Raízes teológicas e perspectivas pastorais. Prior Velho: Paulinas, 2015.

_____. **Guia para uma espiritualidade ecumênica**. São Paulo: Paulinas, 2007.

MADRIGAL TERRARAZ, Santiago. **L' unità prevale sul conflitto**. Papa Francesco e l'ecumenismo. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2017. Disponível em: <[https://www.librieditorsanto.it/libri_di/editore/Libreria Editrice Vaticana/La Teologia di papa Francesco/page1.html](https://www.librieditorsanto.it/libri_di/editore/Libreria_Editrice_Vaticana/La_Teologia_di_papa_Francesco/page1.html)>. Acesso em: 20 jun. 2018.

REPOLE, Roberto. **Il sogno di una Chiesa evangelica**. L'ecclesiologia di papa Francesco. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2017. Disponível em: <[https://www.librieditorsanto.it/libri_di/editore/Libreria Editrice Vaticana/La Teologia di papa Francesco/page1.html](https://www.librieditorsanto.it/libri_di/editore/Libreria_Editrice_Vaticana/La_Teologia_di_papa_Francesco/page1.html)>. Acesso em: 20 jun. 2018.